

# “O OLHAR DA EXPEDIÇÃO”: Siqueira de Menezes em Canudos\*

THE MIRROR OF THE  
EXPEDITION: Siqueira de  
Menezes in the Canudos War

José Thiago da Silva Filho\*\*

## RESUMO

O artigo em pauta objetiva destacar a performance de Siqueira de Menezes na Guerra de Canudos, ocorrida nos sertões da Bahia entre novembro de 1896 e outubro de 1897. Neste período quatro expedições militares combateram os seguidores de Antônio Conselheiro e Siqueira de Menezes foi indispensável, segundo os relatos, na vitória da última expedição. Neste sentido, discute-se o processo de heroificação do sergipano e sua relação com Euclides da Cunha, jornalista-correspondente d'O Estado de São Paulo, e autor do clássico Os Sertões.

Palavras-chave: Canudos; Siqueira de Menezes; Euclides da Cunha.

## ABSTRACT

The presents work pretends the performance of Siqueira de Menezes in the Canudos War, a combat who occurs in the “sertão” of the state of Bahia, between november 1896 and october 1897. In this period, four militar expeditions combats the followers of Antônio Conselheiro. Acords to relats, Menezes was the principal men in the victory of the last militar expedition. Also discuts the process of his transformation in to a heroe and his relationship with the famous writer Euclides da Cunha.

Keywords: Canudos War; Siqueira de Menezes; Euclides da Cunha.

\* Versão do 2º capítulo da monografia do curso de pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Sergipe intitulada “Siqueira de Menezes: a heroificação do jagunço alourado (1852-1914)”, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá.

\*\* Especialista em História Cultural (UFS), sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), membro do Grupo de Estudos História Popular do Nordeste (GEHPN), Diretor do Museu Histórico de Sergipe e consultor do projeto “Cenários e Caminhos Históricos da Guerra de Canudos (UNEB)”.

## INTRODUÇÃO

“Ninguém até então compreendera com igual lucidez a natureza da campanha, ou era mais bem aparelhada para ela. Firme educação teórica e espírito observador, tornavam-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara (...) Conheciam-no os vaqueiros amigos das cercanias e por fim os próprios jagunços. Assombrava-os aquele homem frágil, de fisionomia nazarena, que, apontando em toda a parte com uma carabina à bandoleira e um podômetro preso à bota, lhes desafiava a astúcia e não tremia ante as emboscadas e não errava a leitura da bússola portátil entre os estampidos dos bacamartes. Por sua vez o comandante-em-chefe avaliara o seu valor. O tenente-coronel Menezes era o olhar da expedição”.<sup>1</sup>

Ainda sob o trauma da Revolta da Armada (1893-1894) e da Revolução Federalista (1893-1895), a sociedade brasileira acompanhou o desenrolar da Guerra de Canudos, ocorrida nos sertões da Bahia, entre novembro de 1896 e outubro de 1897, como nova crise do regime republicano. Diferente dos outros conflitos, este foi acompanhado pela imprensa. “Canudos foi o primeiro conflito no Brasil onde se registrou a presença de correspondentes”<sup>2</sup>, como Fávila Nunes (*Gazeta de Notícias/RJ*), Manoel Benício (*Jornal do Comercio/RJ*), Lelis Piedade (*Jornal de Notícias/Ba*), Alfredo Silva (*A Notícia/RJ*), Euclides da Cunha (*O Estado e São Paulo*) e Siqueira de Menezes<sup>3</sup> (*O Paiz/RJ*) que exerceram atividades de jornalistas. Se a guerra não inaugurou, concorreu para intensificar “extraordinariamente no Brasil a praxe jornalística de dispor enviados especiais no local dos acontecimentos”.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* [Edição Crítica de Walnice Nogueira Galvão]. São Paulo: Ed. Ática, 2000, p. 313-314.

<sup>2</sup> ALMEIDA, Cícero Antônio F. *Memória e representação: as imagens da Guerra de Canudos pelo fotógrafo expedicionário Flávio de Barros*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, 159 (398), jan/mar., 1998, p. 2.

<sup>3</sup> José de Siqueira Menezes nasceu em São Cristóvão, Sergipe, no dia 7 de dezembro de 1852. GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925, p. 185.

<sup>4</sup> Idem, p. 109.

Para a imprensa da época, a Guerra de Canudos envolveu um lado monarquista e outro republicano. O primeiro era representado pelo cearense Antônio Conselheiro e seus fiéis. Depois de peregrinar pelas províncias nordestinas, construindo capelas e consertando cemitérios, esse beato fundou na Fazenda Canudos, Bahia, o arraial do Belo Monte, em 1893, no fito de formar uma comunidade religiosa, de trabalho coletivo e livre dos ditames do regime republicano. O segundo, tinha no Exército o braço armado do governo republicano, na presidência de Prudente de Moraes (1894/1898). Como as forças legais arregimentadas para debelar o “movimento de restauração monarquista” - como alardeava a imprensa -, sofreu sucessivas derrotas, instaurou-se o pânico geral. A morte do coronel Moreira César (3/3/1897), chefe da 3ª expedição, e a debandada de suas tropas, principalmente, desacreditou a instituição militar, por outro lado municiou os hábeis jagunços que aumentaram confiança na invencibilidade.

Em novembro de 1896, início do conflito, o engenheiro militar Siqueira de Menezes residia em Salvador. Designado para assumir as Obras Militares da Bahia há cinco anos, levou a família. Experimentado na burocracia administrativa desde 1878, quando secretariou o Presidente de Província Herculano Marcos Inglês de Souza, função exercida até 1885, foi presença marcante na propaganda e efetivação do regime republicano em Sergipe, participando dos triunviratos que antecederam o governo de Felisbelo Freire (1890-1891).

Em Salvador, o sergipano acompanhou os lances da guerra pelos jornais, cartas e relatos dos egressos. Atendendo a ordens superiores seguiu para o sertão em fevereiro de 1897, donde tomaria parte na campanha comandada pelo general Arthur Oscar de Andrade Guimarães. Essa quarta expedição congregou tropas de 17 Estados, totalizando 6.500 soldados<sup>5</sup>, e foi dividida em duas colunas dispostas a percorrer caminhos distintos e atacar o arraial do Belo Monte por lados opostos. A Coluna Savaget, liderada pelo general Cláudio do Amaral Savaget, desembarcaria em Sergipe, nos primeiros dias de

<sup>5</sup> Com os reforços enviados posteriormente, o efetivo chegou a 10.000 soldados. ALMEIDA, Cícero Antônio F. Op. cit., 1998, p. 296.

março, arregimentaria homens a partir de Aracaju e marcharia em brigadas isoladas até Geremoabo.<sup>6</sup> A Coluna Arthur Oscar, sediada em Queimadas, buscaria uma via alternativa até Canudos, no plano de evitar repetir o (des)caminho das expedições anteriores.<sup>7</sup> Em Queimadas, encontraremos Siqueira de Menezes.

Villela Junior, sobrevivente da expedição Moreira César, lembra nas suas memórias que no dia 16 de fevereiro de 1897 se apresentou ao tenente-coronel Siqueira de Menezes, “responsável pela reorganização da brigada”.<sup>8</sup> Foi na vila de Queimadas, para onde convergiram os estropiados da fracassada expedição e desembarcavam novas tropas em riste, na estação ferroviária. Sem demora, o ponto virou campo de treinamento e base de operações nos primeiros quatros meses de 1897, quando finalmente o general Artur Oscar de Andrade Guimarães organizou a nova ofensiva.

## O PAPEL DE ENGENHEIRO

A experiência conquistada nos serviços burocráticos e práticos em Sergipe (1878 a 1890) e na Bahia (1891 a 1896), em nada seria comparada às demandas que a guerra exigiria de sua capacidade profissional. Em Canudos, o tenente-coronel Siqueira de Menezes coordenaria a Comissão de Engenharia da Expedição Artur Oscar. O grupo era formado por uma turma do 1º. Batalhão de Engenheiros, alguns remanescentes da Expedição Moreira César, além de alguns praças cedidos do 5º. Corpo da Polícia Militar da Bahia. Seu caráter misto

<sup>6</sup> A 2ª. Coluna ou Coluna Savaget reuniu a 4ª., 5ª. e 6ª. brigadas, estas eram chefiadas, respectivamente, pelos tenentes-coronéis Carlos Maria da Silva Teles, Julião Augusto de Serra Martins e Donaciano de Araújo Pantoja. Seu comando era do general Cláudio do Amaral Savaget e seus efetivos eram do Ceará, Rio Grande do Sul, Alagoas, Sergipe e Piauí. Cf. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 307, 221 e 222.

<sup>7</sup> A 1ª. Coluna ou Coluna Artur Oscar reuniu a 1ª, 2ª e 3ª brigadas, estas eram chefiadas, respectivamente, pelos tenentes-coronéis Joaquim Manuel de Medeiros, Inácio Henrique Gouveia e Olímpio da Silveira. Seu comando era do general João da Silva Barbosa e seus efetivos da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Idem, p. 306.

<sup>8</sup> VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. *Canudos: memórias de um combatente*. São Paulo: Ed. Marco Zero; Brasília: INL, 1988, p. 50-56.

refletia nas habilidades nem sempre satisfatórias, sendo que a maioria dos jornaleiros compunha-se de civis alistados.<sup>9</sup>

Num esforço de identificar os esteios da sua equipe, compusemos o seguinte quadro: engenheiros-militares Domingos Alves Leite e Alfredo Soares do Nascimento, oriundos da comissão de engenharia da malograda Expedição Moreira César; os oficiais Ponciano e Domingos Ribeiro; os alferes-honorários Henrique José Leite<sup>10</sup> e José de Oliveira Leite.<sup>11</sup> O coronel de engenheiros Manuel Gonçalves de Campelo França<sup>12</sup> e o capitão Coriolano de Carvalho Silva Azevedo.<sup>13</sup>

A Guerra de Canudos tornou-se laboratório das provas e conhecimentos de engenharia, estratégia militar, botânica, geologia e sociologia do Capitão de 1ª. Classe. Homem prático e de um senso teórico refinado, a chefia da “expedição científica”<sup>14</sup> - como batizou -, traria fama a proporção do sucesso das manobras, em meio ao pessimismo das tropas.

Sobre a ingente tarefa que desafiava a Comissão de Engenharia e sua performance nos últimos 6 meses da campanha (maio a outubro de 1897), podemos destacar como principais empreendimentos: a) a instalação de estação telegráfica entre Queimadas e Monte Santo a fim de facilitar a comunicação entre o Comandante em chefe e as tropas; b) a construção de uma via alternativa até Canudos que pudesse aumentar a mobilidade e assim surpreender o inimigo; c) a mobilidade das tropas, comboios e armamentos, especialmente o canhão withworth 32, de quase duas toneladas. A seguir explicitaremos como se deu esses avanços e foi possível superar as adversidades.

<sup>9</sup> A criação da Comissão de Engenharia deu-se por Portaria do Exército, de 8 de março de 1897. ARARIPE, Tristão de Alencar. *Expedições militares contra Canudos: seu aspecto marcial*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1985, p. 84.

<sup>10</sup> Dramatis Personae. In: COUTINHO, Afrânio (org). *Euclides da Cunha: obra completa*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1966, vol. II, p. 82-83.

<sup>11</sup> Cartas de Canudos, de Hoche. *O País*. Rio de Janeiro, 08/09/1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 458 e 461.

<sup>12</sup> Carta de Manuel Benício. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07/08/1897. Idem, p. 267.

<sup>13</sup> Carta de Queimadas, 20/07/1897 [autoria desconhecida]. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15/08/1897, Idem, p. 230. Não confundí-lo com Odilon Coriolano de Azevedo, 2º. tenente do 5º. Batalhão da Polícia da Bahia, morto ao tentar operar o canhão withworth 32. VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. Op. cit., 1988, p. 73-74.

<sup>14</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 459.

a) Estação telegráfica entre Queimadas e Monte Santo

Entre fevereiro e abril observou-se um armistício forçado, pois o governo não conseguiu organizar contingente e envidar recursos para o novo assalto. No dia 21 de março chegou a Queimadas o general Arthur Oscar de Andrade Guimarães, comandante do 2º. Distrito Militar (Recife), indicado para líder da 4ª. expedição a Canudos. Sua presença instigaria a comissão a planejar manobras que pudessem anular as armadilhas dos jagunços. A todo custo, “era preciso salvar a República”.<sup>15</sup> Assim, a instalação de uma linha telegráfica entre Queimadas e Monte Santo tornou-se imprescindível a organização, abastecimento e mobilidade dos contingentes. Somente no dia 20 de abril, um informante anunciou que chegaria via Paraíba “o material telegráfico pedido um mês antes”.<sup>16</sup>

Os trabalhos para implantação da linha telegráfica foram iniciados no dia 8 de maio, e contou com duas turmas de jornalheiros civis, de 11 e 12 indivíduos, sob a direção do engenheiro militar Tenente Domingos Alves Leite, encarregado do serviço profissional a partir da Lagoa da Várzea, a 12 quilômetros da Vila de Queimadas. No dia 12 mais 10 civis foram incorporados a equipe. Esses elementos relutaram participar da empreitada até as garantias de proteção e efetivação na força estadual da Bahia. Já na altura do rio Jucurici, os trabalhos técnicos da linha passaram a direção do tenente Dr. Alfredo Soares do Nascimento.<sup>17</sup> Com a colaboração do Dr. Graça, chefe do distrito telegráfico, e Teive Argolo, diretor da Estrada de Ferro de Alagoinhas e São Francisco, a linha telegráfica foi inaugurada no dia 9 de junho, com discurso do General em chefe Artur Oscar.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 298.

<sup>16</sup> Idem ibidem, p. 457.

<sup>17</sup> Idem, p. 458.

<sup>18</sup> Um correspondente do *Jornal do Brasil* registrou a influência positiva de Siqueira de Menezes para o sucesso da empreitada: “o bom êxito desta afanosa tarefa deve-se a influência pessoal do chefe da comissão, que pela amizade conseguiu obter o que de outra forma lhe foi impossível, no intuito de levar por diante o que lhe fora incumbido pelo governo, não metendo em linha de conta a soma de sua atividade tão pouco comum”. Carta de Canudos, 14/08/1897, [autoria desconhecida]. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15/8/1897. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 230.

b) Construção de via alternativa para Canudos: a estrada de Calumbi

Em tempos de guerra, abrir caminhos significa rejeitar as vias oferecidas pela natureza e/ou pelo adversário. Até Monte Santo, parte da comissão de engenheiros concentrou-se nos trabalhos de sapa, visando facilitar passagem da artilharia e da força, que seguiram rumo a Cansanção. Para consumação desse trabalho contou com quatro juntas de bois no serviço de transporte de material, estes carros foram gratuitamente oferecidos pelo Dr. José Gonçalves da Silva e Aníbal Galvão. Aditaram a mão-de-obra a soldadesca do major Joaquim Simpliciano Carneiro de Campos.

Na base de Monte Santo, uma questão incomodava sobremaneira o general Arthur Oscar, não tanto a espera dos comboios, mas perceber que as estradas eram como tapetes estendidos pelos jagunços. Villela Junior explica que, partindo de Monte Santo, haviam três rotas para Canudos, cada uma com seus inconvenientes. Uma passava pela Serra do Cambaio onde findaram duas expedições, a do tenente Pires Ferreira e a do major Febrônio de Brito. A outra era a do Cumbe, mais longa, escolhida pelo inditoso capitão Moreira César. Assim posto, o general Arthur Oscar não optou, preferiu “entregar aos engenheiros uma rota dentro da caatinga”<sup>19</sup>, uma via alternativa. E assim, na área intermediária entre os caminhos citados decidiu-se pela terceira, a estrada do Calumbi. Zona um tanto plana, dotada de vários caminhos a serem aproveitados, tirando certos rodeios, poderia diminuir distâncias. Sem demora, determinou-se “um traçado a ligar Monte Santo a Rosário, passando pelo Juetê”<sup>20</sup>.

Em marcha a partir do dia 14 de junho, as tropas deixaram Monte Santo com destino a Canudos. Até lá o itinerário seria: Caldeirão Grande, Jitirana, Juá, Aracati, Juetê, Rosário e Rancho do Vigário, perfazendo 80 quilômetros que influenciaram o chefe da Comissão a registrar: “foram longos e afanosos os trabalhos que pesavam sobre a comissão de engenharia nesta famosa jornada”.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. Op. cit., 1988, p. 59.

<sup>20</sup> Idem, p. 60.

<sup>21</sup> Carta de Canudos, de Hoche. *O País*. Rio de Janeiro, 8/9/1897. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 465.

A estrada de Calumbi foi talvez a ação realmente estratégica da campanha.<sup>22</sup> Lembraria Euclides da Cunha que “ideara-a, planeara-a e executa-a o tenente coronel Siqueira de Menezes”.<sup>23</sup> As intervenções da Comissão de Engenharia reverteria os louros a decantada República do eufórico sergipano. Para ele, mais do que metáfora sua ação facultava a vitória da modernidade sobre o passado, da república sobre a monarquia, da engenharia sobre a topografia irregular, acidentada. Revelou-se um agente da ordem republicana, da civilidade, da ciência da engenharia perante a realidade nordestina.<sup>24</sup> Imbuído dessa ideologia, de um otimismo contagiante, arrematava: “o brasileiro tudo vence quando a sua vontade não se torna esquivada e indolente”.<sup>25</sup>

c) Mobilidade da tropa, comboio e armamento: o canhão withworth 32

A Coluna Artur Oscar tinha a seguinte composição: 7º. Batalhão da Bahia, 5º. e 14º. Batalhão de Pernambuco, 12º., 25º., 30º. e 31º. Batalhão do Rio Grande do Sul, 27º. Batalhão da Paraíba, 9º. Batalhão do Rio de Janeiro, 33º. Batalhão do Piauí; ainda 5º. Regimento de Artilharia de Campanha e uma ala do 9º. Regimento de Cavalaria da Capital Federal e o 5º. Corpo da Polícia Militar da Bahia.<sup>26</sup> Seu efetivo somava 1900 homens. Seus trens eram formados por 42 carroças, 40 carretas, bois e muares para dinamizar o deslocamento da artilharia pesada: 21 canhões, sendo 17 krupp, 4 tiro rápido e 1 withworth.<sup>27</sup>

A Comissão de Engenharia saiu de Monte Santo no dia 14 de junho, a frente, escoltada pela 2º. Brigada, comandada pelo coronel Inácio Henrique Gouveia.<sup>28</sup> Tinha como tarefa retificar, alargar, nivelar ou fazer

<sup>22</sup> A comissão também conseguiu ligar a estrada de Cumbe no ponto entre Juetê e Rosário. Cf. VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. Op. cit., 1988, p. 62.

<sup>23</sup> CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 433.

<sup>24</sup> COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822/1930*. São Paulo: Ed. Record, 1999, p. 207.

<sup>25</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 461.

<sup>26</sup> CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 306.

<sup>27</sup> MOURA, Aureliano Pinto de. *As duas últimas expedições a Canudos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1998, p. 187.

<sup>28</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 459.

estradas para garantir o trânsito da artilharia pesada. Abastecimento, mobilidade e plasticidade das tropas, assim aconselhavam os teóricos da guerra clássica. Siqueira de Menezes adicionaria mais três ingredientes a empreitada: criatividade, argúcia e humildade. Podômetro<sup>29</sup>, bússola, arma e binóculo a mão, apontava na sua caderneta sobre o clima, o meio, a flora e os sertanejos. Humildemente escutava-os como fazia com os subordinados, por essa razão sustou os trabalhos de sapa entre Juá e a Fazenda do Sítio mediante consulta a Thomas Vila Nova, atendendo orientação de Alfredo Nascimento. Dias antes, aquele sertanejo ventilara as vantagens da estrada de Calumbi, logo aplainada em 3 dias, encurtaria em um dia o percurso a Monte Santo, prolongando-se por mais 15 léguas até o alto da Favela.<sup>30</sup>

A matadeira - como os conselheiristas batizaram o canhão withworth 32 - pesava 1700 quilos. O diâmetro de suas rodas superava a estatura da maioria dos soldados. Vagarosamente, de Queimadas a Monte Santo, a peça foi deslocada em 4 dias com “ajuda de treze juntas de bois”.<sup>31</sup> Somente os chineses (como os soldados apelidavam os engenheiros em razão do criterioso serviço) garantiam o deslocamento do “monstro, eterno regulador do direito das nações”.<sup>32</sup> A 3ª brigada foi incumbida de conduzir o grande canhão até o arraial, tarefa que desafiava a competência dos seus vigias.<sup>33</sup> Abertura e preparação de estradas, sapa, desmatamento, destocamentos, remoção de lajedos, aterros, picadas e pontes, eis a labuta diária da comissão de engenharia

<sup>29</sup> “*Instrumento de bolso para contagem dos passos e distância percorrida*”. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1592.

<sup>30</sup> CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 317; GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 467.

<sup>31</sup> VILLELA JUNIOR, 1988, p. 58. Segundo Euclides da Cunha o canhão foi arrastado por 20 juntas de boi. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 315.

<sup>32</sup> Escreveu Hoche: “A possibilidade de transportado a Canudos só podia caber na mente de engenheiros brasileiros, querendo dizer só de malucos (grifo do autor) que o assestaram contra o poderosíssimo reduto central do transloucado e caduco monarquismo, vencendo precipícios, subindo e descendo serras, transpondo desfiladeiros, atravessando rios, sem um instante de desfalecimento sequer”. Carta de Canudos, de Hoche. *O País*. Rio de Janeiro, 8/9/1897. Idem ibidem, p. 461 e 472.

<sup>33</sup> VILLELA JUNIOR, op. cit. O withworth 32 não foi o único canhão levado a Canudos, além dos já citados tiro rápido e krupp também foi enviada uma bateria de canhões cannet que estacionou em Queimadas, “pois o general Carlos Eugênio temia que seu deslocamento provocasse atraso da chegada das forças até o arraial”. Cf. ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. Op. cit., 1998, p. 302.

a fim de que o pesado canhão cumprisse seu destino: bombardear o arraial do Belo Monte.

Apesar dos esforços, a marcha da coluna Artur Oscar não tinha a celeridade planejada. “Até o dia 18 [de junho] só tinha conseguido vencer uma distância de pouco mais de seis quilômetros”<sup>34</sup>, em face da pesada bateria e conseqüente morosidade dos trens e carros. Nesse dia o pesado canhão deparou-se com um toco e virou de cambalhota. Não fosse o empenho e pertinácia de Domingos Alves Leite e do alferes-honorário José de Oliveira Leite, a máquina não teria retomado a rota. Antes de chegar a Fazenda Caldeirão Grande, foi preciso construir ponte sobre o rio que dava nome a propriedade e também desviar pela garganta da Serra Piquaciava, assim “evitar a transposição de um tope de fortíssima declividade”.<sup>35</sup>

Superado os obstáculos, a coluna acampou em Aracati no dia 23 de junho. No dia seguinte, rumo ao Rancho do Vigário, teve a comissão de Engenharia de abrir picada de 6 km de extensão numa “caatinga de cunanã”<sup>36</sup>, visando a passagem da artilharia ao seu encaço. Reunida naquele ponto seguiu pelo Angico a serra do Rosário tendo o 25º. Batalhão na vanguarda sob o comando do coronel Emídio Dantas Barreto. Mas entre Baixas e o Rancho do Vigário, a tropa da retaguarda foi surpreendida por uma chuva torrencial que atrasou comboio e munições, caindo em poder dos jagunços.<sup>37</sup> Acuado nas imediações da Favela e preocupado com o desenlace, o comandante-em-chefe aguardava o socorro da Coluna Savaget, estacionada em Geremoabo.

<sup>34</sup> Idem, p. 460.

<sup>35</sup> Idem, p. 461.

<sup>36</sup> Segundo a explicação de Hoche, cunanã era “uma espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas”. Aparentemente inofensiva, “a seiva deste bizarro é leitosa e cáustica, queima como fogo, deixando na pele uma marca indelével, e assim no tecido das fazendas. A qualquer pequena gota deste líquido que caia na vista de um mortal, segue-se a cegueira absoluta. É terrível em sua moleza, em sua aparência miserável”. Carta de Canudos, de Hoche. *O País*. Rio de Janeiro, 9/9/1897. Idem, p. 468.

<sup>37</sup> Em nota de 10 de agosto de 1897, Euclides da Cunha esclarece que “a este erro aliou-se um outro. Na investida definitiva a Canudos, a disposição geral dada ao ataque foi de tal natureza que, logo à entrada da grande aldeia, baralharam-se batalhões e brigadas, confundiram-se, enredaram-se, anularam-se as fileiras [tornando-se] alvo amplíssimo sobre o qual batia, caía em cheio a saraivada de balas dos jagunços, sem perder um tiro (...) e as baixas foram extraordinárias”. CUNHA, Euclides. Canudos: diário de uma expedição. In: COUTINHO, 1966, p. 498-499.

A chegada da Coluna Savaget, no dia 28 de junho, evitou o que seria a quarta derrota do Exército. Resistindo a guerrilha de 2000 jagunços, a tropa avançou em direção a Canudos até o Morro da Favela. Exausta e faminta aí montou acampamento.<sup>38</sup> General e seu Estado-maior estudaram o terreno e assestaram 21 canhões, incluindo o withworth.

Iniciado o combate a bateria de canhões ficou desguarnecida em alguns momentos. Na renhida luta para assegurar posições conquistadas nas cercanias de Canudos, Villela Junior acentua a coragem demonstrada por Olímpio da Silveira, coronel da 3ª. Brigada, e Siqueira de Menezes que portava “um embornal de lona cheio de pentes de munição e fuzil e, com um mosquetão... pulava como um cabrito e atirando, gritava alegremente: Viva a República! Viva Floriano Viva o Brasil!, etc”.<sup>39</sup> A exaltação florianista com que marcharam a 3ª e 4ª expedições revelou o mesmo fanatismo reprovado nos jagunços de Antônio Conselheiro.<sup>40</sup> O jacobinismo propalado desde a Revolta da Armada e acentuado com a morte de Floriano Peixoto (29/6/1895) interpretou Canudos como restauração monarquista.<sup>41</sup> Moreira César, Artur Oscar, Siqueira de Menezes eram florianistas.<sup>42</sup>

Com a chegada da Coluna Savaget via Geremoabo o ideado cerco ao arraial do Belo Monte efetivou-se. Na última semana de setembro, o reduto foi dominado paulatinamente. Seu “bombardeio - escreveu Euclides da Cunha - foi violento, desapiedado, formidável, assisti-o da sede da comissão de engenharia” (grifo nosso).<sup>43</sup> Siqueira de Menezes acompanhou a remoção dos entulhos da igreja pela comissão, no dia

<sup>38</sup> MOURA, Aureliano Pinto de. Op. cit., 1998, p. 186-187. O hospital de sangue foi obra da Comissão de Engenharia. Cf. VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. Op. cit., 1988, p. 65.

<sup>39</sup> Certamente, o aludido mosquetão era um mannlicher. Idem, p. 67 e 106.

<sup>40</sup> “Os que tombavam à entrada de Canudos tinham no peito esquerdo uma pequena medalha de bronze com efígie de Floriano Peixoto e, ao morrer, saudavam sua memória com o mesmo fervor que os jagunços reservavam ao Bom Jesus”. ROUANET, Sergio Paulo. O sertão da dialética negativa. *Jornal da Cidade*. Aracaju, 1/12/2002, p. 6. [Separata Caderno Mais! Folha de São Paulo]

<sup>41</sup> MOURA, Aureliano Pinto de. Op. cit., 1998, p. 233.

<sup>42</sup> Para saber mais sobre o florianismo, vide: QUEIRÓZ, Suely Robbles de. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986; JANNOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>43</sup> CUNHA, Euclides. Canudos: diário de uma expedição. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1966, p. 563.

5 de outubro, a fim de encontrar o cadáver de Antônio Conselheiro, o que se deu às 10 horas da manhã do dia seguinte.<sup>44</sup>

Binóculo a mão, Siqueira de Menezes, chefe da Comissão de Engenharia, posa ao lado dos subordinados e bromélias



Dias antes, Siqueira de Menezes conhecera Euclides da Cunha, jornalista contratado pelo jornal O Estado de São Paulo para fazer a cobertura do conflito. Ele chegou na comitiva do Ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bitencourt.<sup>45</sup>

### SIQUEIRA DE MENEZES E EUCLIDES DA CUNHA, ENGENHEIROS-JORNALISTAS

O sergipano Siqueira de Menezes e o fluminense Euclides da Cunha tinham em comum a formação de engenheiro militar na Escola da Praia Vermelha e o entusiasmo pela vitória do Exército

<sup>44</sup> Carta de Canudos, de Fávila Nunes. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/10/1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 211 e 213.

<sup>45</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. O correspondente de guerra Euclides da Cunha. In: \_\_\_\_. *Saco de Gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades, Sec. Cultura de São Paulo, 1976, p. 55.

frente às hostes conselheiristas. Ambos eram republicanos convictos. Esses fatores contribuíram para firmar uma poderosa amizade nos arredores de Canudos. O encontro ocorreu entre Sussuarana e Juá, na estrada de Calumbi<sup>46</sup>, em meados de setembro de 1897.<sup>47</sup> No registro de 28 deste mês, da caderneta de Euclides da Cunha, lemos que “o tenente-coronel Siqueira de Menezes - um tipo interessantíssimo - observa sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos”.<sup>48</sup>

Para o correspondente da folha paulista, a sede ou tenda da Comissão de Engenharia tornou-se “o ponto clássico das melhores palestras do acampamento”<sup>49</sup>, onde o general Artur Oscar e seu Estado Maior marcavam presença diariamente. Na companhia do sergipano, Euclides desbravaria o meio, identificando pedras e espécies da caatinga.<sup>50</sup> Em ambos, a força do exotismo da natureza absorvia os sentidos, hipnotizando-os invariavelmente. Deslumbrado, Euclides registrara em sua caderneta de campo sua deficiência em botânica e geologia: “nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos”.<sup>51</sup>

Siqueira de Menezes alimentava também uma caderneta de campo e atuava como jornalista-correspondente de um famoso jornal, no seu caso O País.<sup>52</sup> Dessa atividade conhecemos duas matérias, as Cartas de Canudos, as-

<sup>46</sup> CUNHA, Euclides da. O Batalhão de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, 26/10/1897. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1966, p. 583.

<sup>47</sup> Segundo Euclides da Cunha foi no dia 14 de setembro, em Juá, quando Siqueira de Menezes falou da estrada de Calumbi. Idem, p. 585.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Idem, p. 559.

<sup>50</sup> “Fui com o tenente-coronel Siqueira até próximo de uma pedra que verificamos ser mármore negro”, anotou Euclides da Cunha na sua caderneta. Cf. SILVA, José Calasans Brandão da. Op. cit., 1997, p. 125.

<sup>51</sup> Idem ibdem, p. 531.

<sup>52</sup> O jornal *O País*, editado na Capital Federal, possuía “a maior tiragem da América Latina”, segundo seu editorial. O proprietário e diretor era Quintino Bocaiúva, uma das personalidades centrais do movimento republicano. A relação deste jornalista com Siqueira de Menezes era de fundo partidário, ideológico e afetivo. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 45.

sinadas sob pseudônimo<sup>53</sup>, com data de 21 de agosto e 1 de setembro de 1897. Nestas alentadas missivas, Hoche trata “dos principais trabalhos da comissão de engenharia, cujo chefe é o tenente-coronel José de Siqueira Menezes”.<sup>54</sup> Nesse fato identificamos a escrita de si ou como ele queria ser apresentado à opinião pública. Não muito aquém da imparcialidade dos relatórios elaborados em nome da Comissão de Engenharia que chefiava, mas com sua impessoalidade enviesada faz-se mister detalhar alguns aspectos desses documentos.

Mapa que Hoche enviou ao jornal O País, em 1897.



Fonte: ALMEIDA, Cícero Antonio F. de. Canudos: imagens da Guerra. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. Museu da República, 1997, p. 100.

<sup>53</sup> Em 1890 ele já usava esse pseudônimo. As duas matérias intituladas *Cartas de Canudos* de Hoche foram localizadas por Hélio Viana em 1972. Datadas de 21 de agosto e 1 de setembro de 1897, as missivas foram segmentadas em 7 edições do jornal O País. Uma nas edições de 8 e 9 de setembro, a outra nas edições de 21, 22, 24, 25 e 26 do mesmo mês. Na última, o *post scriptum* “continuaremos” indicia intenção de outras matérias. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. 4ª. São Paulo: Ática, 1977, p. 457-495.

<sup>54</sup> Carta de Canudos, de Hoche. *O País*. Rio de Janeiro, 8/9/1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Op. cit.*, 1977, p. 457.

As Cartas de Canudos desvelam um republicano otimista na vitória do Exército sobre o reduto dos monarquistas. Por outro lado, expõe um militar ciente de que a resistência dos conselheiristas funda-se no mérito de suas posições estratégicas e conhecimento do território.<sup>55</sup> Sobre os artifícios do seu texto, Hoche invoca os conhecimentos técnicos do engenheiro, botânico e cartógrafo de Siqueira de Menezes.<sup>56</sup> Atente-se para a seguinte fórmula autobiográfica: escreve que “ninguém, a não ser quem viaja pelos sertões da Bahia, pode fazer idéia aproximada do que seja a exótica vegetação dessas paragens a que chamam caatingas”<sup>57</sup>, em seguida passa a descrever a diversidade da flora e o perigo do meio, recomendando uso de perneira e gibão a fim de melhorar desempenho dos militares. Dessa forma, sem prolixidade ou tautologia, sutilmente o jornalista expõe pensamento e ação do militar.

Isto posto, o papel de jornalista desempenhado por Siqueira de Menezes não deve porquanto continuar no limbo.<sup>58</sup> Se as Cartas de Canudos datam de 1897, cumpre lembrar que já em 1882 Hoche assinava um ligeiro esboço sobre o Rio Poxim na Gazeta de Aracaju, edições de 3 e 8 de maio.<sup>59</sup> Assim repetiu-se em 1890, quando na página d’O Republicano reprovou a indicação do Brigadeiro Augusto César para o governo de Sergipe.<sup>60</sup> Nunca teve coluna cativa nos diários, raramente publicava

<sup>55</sup> Escreveu Hoche: “Dar combate, sem tréguas, aos paladinos da restauração monárquica, concentrados nos ínvios sertões baianos, onde se julgavam e ainda se julgam invencíveis, tal a confiança que depositam nas maravilhosas condições estratégicas e táticas de sua admirável posição militar, cuja escolha, verdade seja dita, muito diz a respeito da capacidade de quem a faz. Canudos ou antes o Belo Monte, como a chamam todos os jagunços (...) é um ponto estratégico na verdadeira significação da palavra”. Carta de Canudos, de Hoche. *O País*. Rio de Janeiro, 9/9/1897. Idem, p. 472-473.

<sup>56</sup> Numa de suas cartas ao jornal *O País*, Hoche anexou um esquema topográfico, “um trabalho ligeiro e sem escala, mas que figura com clareza os acidentes do terreno e suas posições relativas (...) organizado por um dos membros da comissão que ainda não pôde fazer levantamento regular”. Exposto a exibição na redação, logo o mapa de Canudos feito por Siqueira de Menezes, como ficou provado a posteriori, foi amplamente reproduzido para venda. Assim anunciava a edição de 19/9/1897: “Mapa de Canudos - nitidamente litografado, indicando as marchas e posições das diversas colunas em operações, vende-se no escritório desta folha e nas ruas da Quitanda n. 73 e Espírito Santo n. 26. Remete-se para o interior, mediante porte do correio. Cartas a J. Rodrigues Fróes neste escritório. Preço 1\$000; para o interior, mais 200 réis”. Idem, p. 49.

<sup>57</sup> Idem, p. 462.

<sup>58</sup> A memória do Senado Federal reconhece sua profissão de jornalista. Cf. LEITE NETO, Leonardo (coord.) *Catálogo de senadores - 1826/1986*. Brasília: Centro Gráfico, 1986, vol. III, p. 1755.

<sup>59</sup> GUARANA, Armindo. Op. cit., 186.

<sup>60</sup> HOCHÉ. Sergipe. *O Republicano*. Aracaju, N. 223, 30/8/1890, p. 1.

um artigo técnico, reclamo ou pedido de voto, neste caso a conveniência orientava a autoria. Siqueira de Menezes foi “um dos redatores do jornal Sergipe”<sup>61</sup>, veiculado em 1880 e 1881, e nesta condição apreendeu os rudimentos da imprensa. Enquanto em Sergipe vicejam jornais comprometidos com grupamentos políticos<sup>62</sup>, em São Paulo e Rio de Janeiro a grande imprensa ensaia a condição de veículo de massa.<sup>63</sup>

Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes, juntos, presenciaram o ocaso dos conselheiristas. O fim da guerra, sobretudo a degola dos rendidos, promoveu uma fricção entre os amigos.<sup>64</sup> Mas até ali, a amizade e as confidências, o debate e os textos confundiram-se e o que anotavam era de domínio comum. Lê-se nota do Jornal de Notícias, da Bahia, de 27 de outubro, vigésimo dia após o fim da guerra, que Siqueira de Menezes desejava publicar

“um estudo sob o ponto de vista militar, político, social e religioso do grupo conselheirista. Compreende também uma apreciação detida e imparcial das observações que fez sobre o original e simpático tipo brasileiro o vaqueiro ou sertanejo. Este trabalho foi mostrado ao inteligente Dr. Euclides da Cunha”.<sup>65</sup>

Siqueira de Menezes não chegou a materializar seu livro. Entre 1898 e 1901, período em que executou o conserto da ponte de São José de Rio Pardo, interior paulista, Euclides da Cunha escreveu *Os Sertões*, segundo ele um libelo contra o genocídio cometido pelo Exército em

<sup>61</sup> “jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e melhoramentos geraes da Provincia. Era propriedade de uma Associação. Publicação bi-semanal. O primeiro número saiu em setembro daquelle anno, medindo 0,39x0,26, com 4 páginas e igual número de columnas cada uma. Typographia do Diário de Sergipe, passando depois a ser impresso em typografia própria”. GUARANÁ, Armindo. *Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1882 a 1908. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo especial, volume 1, parte 2, p. 783.

<sup>62</sup> ARAÚJO, Acrísio Torres. *A imprensa em Sergipe*. Brasília, S/Ed., 1993, p. 88.

<sup>63</sup> SANCHES, Marcos Guimarães. Ação e Repercussão de Canudos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 159 (398), jan./mar., 1998, p. 233.

<sup>64</sup> Duas constatações revelam o alubrimento de Euclides da Cunha: a) compreender que o Belo Monte nada tinha de restauração monárquica, b) Defender que os jagunços, vencidos, fossem reconhecidos cidadãos e incorporados a nação brasileira. CUNHA, Euclides. *Canudos: diário de uma expedição*. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1966, p. 565.

<sup>65</sup> *Jornal de Notícias*. Bahia, 27/10/1897.

nome da República.<sup>66</sup> No contexto da Guerra de Canudos, em 1897, o Estado Maior articulou um controle da informação gestada pelos correspondentes, concorrendo para filtrar e/ou censurar matérias acerca da evolução do conflito.<sup>67</sup> Talvez o fato explique a denúncia tardia mas contundente e que fragilizava a imagem do Exército.

Em carta a José Veríssimo, de 24 de junho de 1904, visando indicação do Ministro das Relações Exteriores, Rio Branco, para chefia da expedição de reconhecimento da região amazônica do Alto Purus, Acre, Euclides da Cunha sub-repticiamente fala das retaliações sofrida em razão da sua obra.<sup>68</sup> E como a memória da Guerra de Canudos, também o fenômeno editorial de *Os Sertões*, paradoxalmente, sedimentaria na sociedade brasileira a imagem do militar sergipano como herói de dimensões épicas, sobre-humanas.

Independente dos múltiplos significados que o silêncio possa evocar, Villa atenta que em vista da consagração do best-seller euclidiano, Siqueira de Menezes “não deve ter ficado satisfeito com o uso das suas anotações, sem receber nenhum crédito”.<sup>69</sup> Na época não havia legislação de direitos autorais por isso o plágio, ou mais apropriadamente a não indicação das fontes, gerou indisposições no meio intelectual. Euclides da Cunha era “um péssimo indicador das citações”.<sup>70</sup> Fazem parte da plêiade de autores ressentidos “Teodoro Sampaio, Nina Rodrigues, Oliveira Viana e tantos outros”.<sup>71</sup>

<sup>66</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. Revisão de Euclides da Cunha. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1966, p. 30.

<sup>67</sup> *Os Sertões* é fruto da desilusão de Euclides da Cunha com o regime republicano e seus proceres. Esse processo de desencantamento teria começado em Canudos para alguns autores. ALMEIDA, Cícero Antonio F. de. Op. cit., 1998, p. 297.

<sup>68</sup> “Não há temer-se a oposição de um espectro, o Exército, por causa d’*Os Sertões*. Tenho lá, mesmo naqueles lugares, amigos – bastando citar o nome de Siqueira de Menezes. Além disto, o rancor despertado pelo livro vai muito atenuado”. Carta de Euclides da Cunha a José Veríssimo, 24/6/1904. Cf. COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1966, p. 647.

<sup>69</sup> VILLA, Marco Antonio. Op. cit., 1995, p. 260.

<sup>70</sup> ANDRADE, Olimpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. São Paulo: Edart, 1960, p. 284.

<sup>71</sup> Idem ibidem, p. 260. Outros escritores descontentes com os deslizes e/ou omissões na obra euclidiana podem ser citados: José Veríssimo. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Um desgarrão da engenharia rude. *Jornal da Cidade*. Aracaju, 1/12/2002. (Caderno Mais!), p. 7. Afonso Arinos por ser redator de jornal monarquista: O Comércio de São Paulo. Cf. GALVÃO, Walnice. Op. cit., 1976, p. 77. Somente em 1911, dois anos depois da trágica morte de Euclides da Cunha, Siqueira de Menezes, então Presidente de Sergipe, externaria raiva do escritor. AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e a primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1956, p. 175.

A relação Siqueira de Menezes-Euclides da Cunha foi analisada por Silva em dois textos primorosos. São eles: *Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes*<sup>72</sup> e *Algumas Fontes de Os Sertões*<sup>73</sup>. O primeiro trata do questionamento que Siqueira de Menezes fez a Gilberto Amado, nos idos de 1911, sobre a presença de Euclides da Cunha em Canudos.<sup>74</sup> O segundo prova a contribuição inegável dos trabalhos de Siqueira de Menezes na construção da obra vingadora. Figuram como fontes incontestes as já citadas Cartas de Canudos e um relatório “apresentado ao General Artur Oscar, em 17 de setembro de 1897, dando conta do que fizera para abrir uma nova estrada do Calumbi, a fim de facilitar o cerco de Canudos”.<sup>75</sup> Como o esboço de Siqueira de Menezes foi extraviado ficamos impossibilitado de fazer uma nova acareação.

O esboço da obra extraviada de Siqueira de Menezes nascera de sua caderneta de anotações, provavelmente. Há quem afirme, referindo-se a Euclides da Cunha, que n’Os Sertões o autor soprou sua caderneta. Ter e alimentar esses repositórios, parece, era prática recorrente. Para não restringir exemplos, enfatizemos um outro: Odilon Coriolano de Azevedo, 2º. tenente do 5º. Batalhão da Polícia Militar da Bahia que morreu numa explosão do canhão 32 e possuía caderneta. Sobre ela comentou Manuel Benício: “nas cento e muitas páginas... encontramos... alguns apontamentos, por certo, de valor e digno de leitura”.<sup>76</sup> Infelizmente, assim como o esboço “várias cadernetas cheia de anotações, como informa a família, foram perdidas”.<sup>77</sup>

<sup>72</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. *Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes* (1957). In: \_\_\_\_, *Cartografia de Canudos*. Aracaju: Sec. de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/EGBa, 1997, p. 121-128.

<sup>73</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. *Algumas Fontes de ‘Os Sertões’*. *Revista de Cultura da Bahia*. Salvador, n. 6, jul/dez, 1972.

<sup>74</sup> AMADO, Gilberto. Op. cit., 1956, p. 175.

<sup>75</sup> RELATÓRIO APRESENTADO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL PELO GENERAL DE DIVISÃO JOÃO THOMAZ CANTUÁRIA, MINISTRO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, EM MAIO 1898. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1898, p. 114-122.

<sup>76</sup> Carta de Manuel Benício, de 7 de setembro de 1897, de Queimadas. *Jornal do Comercio*. Rio de Janeiro, 23/10/1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1977, p. 335.

<sup>77</sup> SENNA, Homero. *Gilberto Amado e o Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968, p. 60.

## A HEROIFICAÇÃO DO JAGUNÇO ALOURADO

“Siqueira Menezes é um dos heróis de Os Sertões”.<sup>78</sup> Este constitui uma obra histórica calcada em fontes e no testemunho do seu autor ou será “mera criação literária”<sup>79</sup>? A principal obra euclidiana ainda sofre revisões e críticas ao tempo em que se tornou referência, única na primeira metade do século XX, para o entendimento do conflito e até para a compreensão da formação sociológica do homem e da nação brasileira. Porém, a heroificação de Siqueira Menezes não começou em 1902 com o sucesso editorial do livro, sua gênese está em 1897. Senão vejamos.

Diante do quadro de instabilidade propalada pelas sucessivas vitórias dos conselheiristas sobre o Exército republicano; diante da “conspiração monarquista” alardeada pela imprensa do final do século dezenove, criara-se uma expectativa de desagravo a pátria, de uma ação sobre-humana, excepcional, heróica. Inspirado no Estado de Teatro, de Geertz, concluímos pois que o anseio instintivo da invenção dos heróis ocorre sempre como resposta da sociedade-platéia aos dramas individuais ou coletivos.<sup>80</sup> Como esclarece Damatta, “a sociedade também determina seus atores”<sup>81</sup>, contado com o apoio dos atores básicos (produtores), no caso, os mediadores, os jornalistas. Sabemos que a imprensa fez da guerra de Canudos um drama nacional, carente de atores dominantes ou heróis épicos.

Duas semanas após o fim do conflito, o Diário da Bahia saúda o retorno de Siqueira de Menezes como irreprochável herói. Registra:

chegou de Canudos o heróico coronel Dr. Siqueira de Menezes. São inestimáveis os serviços prestados pelo ilustre militar à República, com o seu talento e conhecimento técnicos, com o seu denodo e com seus ideados planos de ataque. Para terminação

<sup>78</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes. In: \_\_\_\_\_. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Sec. de Cultura e Turismo da Bahia/EGBa, 1997, p. 121.

<sup>79</sup> Tese de João Ribeiro. Cf. COUTINHO, Afrânio. *Op. cit.*, 1966, p. 57.

<sup>80</sup> GEERTZ apud BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994, p. 19.

<sup>81</sup> DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 254.

desta luta terrível talvez tenha sido o coronel Dr. Siqueira o que mais tenha concorrido, com a tomada dos melhores pontos estratégicos inimigos”.<sup>82</sup>

Óbvio que todos os ocupantes dos postos de comando receberam em maior ou menor intensidade manifestações de apreço e reconhecimento por parte da sociedade e/ou da corporação militar pela vitória, no entanto o lugar de chefe da comissão dos engenheiros e sua rede de sociabilidade influiria doravante numa centrípeta crescente.<sup>83</sup>

Outros referenciais explicam o processo de heroificação no período, a exemplo da santificação de vivos prevista nos cânones do positivismo ortodoxo.<sup>84</sup> Também a comunidade de imaginação ou comunidade de sentido, termo cunhado por Baczko para explicar a relação da aceitação ou rejeição de ideias no imaginário pré-existente.<sup>85</sup> Diante da crise republicana propalada com a guerra de Canudos e o crescente ressentimento do Exército proscrito do comando da nação, diferentes grupos discutem qual o principal herói republicano a ser cultuado: Benjamim Constant, o Fundador; Deodoro da Fonseca, o Proclamador; ou Floriano Peixoto, o Consolidador.<sup>86</sup> Operando numa frequência menor e paulatina, as homenagens da vitória sobre Canudos e a fama d’Os Sertões promoveu Siqueira de Menezes a condição mítica de herói.

<sup>82</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. Op. cit., 1997, p. 127. A Lei N. 246, de 8 de novembro de 1897, decretada pelo governo de Sergipe, determinava que fosse agraciado com espada o tenente-coronel Siqueira de Menezes. COMPILAÇÕES DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DO ESTADO DE SERGIPE (1897-1898) vol. IV, Aracaju: Typ. do Estado de Sergipe, 1900, p. 29.

<sup>83</sup> Em 1898, BARRETO endossa: “A maneira como o tenente-coronel Siqueira de Menezes desempenhou-se do encargo granjeou-lhes francos aplausos das forças, pondo em evidência elevadas qualidades de oficial (...) realizou marcha estratégica...” BARRETO, Dantas. *Última Expedição a Canudos*. Porto Alegre: Franco Irmãos Ed., 1898. HORCADES reconhece os méritos na sua obra de 1899: “sabe ser soldado e homem ilustrado, sabe manejar a arma quando preciso e a pena quando necessário. E além de tudo, sabe ser militar ilustre, porquanto compreende o que é generosidade. Obedecendo a seus princípios de educação não pratica os atos de vandalismo que outros têm honra em fazer, não havia um só jagunço, que manso quer bravo, que não aceitasse o nome honrado de Siqueira de Menezes”. (Alvim Martins Horcades, na Descrição de uma viagem a Canudos (1899). In: SILVA, José Calasans Brandão da. Op. cit., 1997, p. 127-128).

<sup>84</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 56.

<sup>85</sup> BACZKO apud CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., 1990, p. 13.

<sup>86</sup> CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 14.

O fenômeno editorial do livro de Euclides da Cunha - teve três edições esgotadas em 1902 – fez do seu autor membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio da Academia Brasileira de Letras. Apesar da “obra vingadora”<sup>87</sup> ter sido recebida com reservas pelos setores do Exército, Siqueira de Menezes não externou seu parecer, preferiu o silêncio. Na verdade, sua fama propagou-se na proporção meritória do livro, “nunca sergipano mereceu tanto, foi elevado tão alto como naquelas páginas”.<sup>88</sup> Diferente dos mártires sergipanos, os que tombaram na luta renhida dos sertões baianos, caso do capitão José Salomão Agostinho da Rocha, do tenente Odilon Coriolano e do alferes Antônio Wanderley; diferente dos militares do 26<sup>o</sup>. Batalhão que foram recepcionados festivamente ao retornar da Bahia em 1897; Siqueira de Menezes não sucumbiu à morte nem as homenagens pois virou personagem da epopéia euclidiana. No mês seguinte a vitória, o militar foi agraciado com espadas na Bahia e Sergipe, respectivamente, como prova de reconhecimento pelo seu tino de estrategista e coragem espartana demonstrado em Canudos.<sup>89</sup>

A representação literária de Siqueira de Menezes teve duas fases distintas e complementares. A primeira tem o enredo da propaganda e organização da implantação do regime republicano em Sergipe, entre 1888 e 1889. Essa experiência pode ser avalizada em *A República em Sergipe* (1891), de Baltazar Góis; *Sergipe Republicano* (1896), de Manuel Curvelo de Mendonça; *A Década Republicana*, de Manoel Nobre de Lacerda; *História Constitucional* (1913), de Felisbello Freire. A outra fase tem nele o herói do conflito que desestabilizou o novo regime. O ponto

<sup>87</sup> MELLO ameniza o caráter denunciador da obra: “tivesse Euclides da Cunha testemunhado mais uma vitória dos jagunços conselheiristas muito outro teria sido o tom e o teor de *Os Sertões*”. MELLO, Dante de. *A verdade sobre Os Sertões*: análise reivindicatória da campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958, p. 250.

<sup>88</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. Op. cit., 1997, p. 122.

<sup>89</sup> *Jornal O Republicano*, da Bahia, noticiou que amigos e admiradores compraram no Rio de Janeiro uma espada por 2:100\$, com bainha e cabo prateados, para oferecer a Siqueira de Menezes. *A Notícia*. Aracaju, ano II, n. 499, 26/11/1897, p. 2. Lei N. 247, de 11 de novembro de 1897, “autoriza o governo a liberar contribuição, quantia de um conto de reis para a compra da espada que irá ser oferecida ao tenente-coronel Sr. José de Siqueira Menezes”. Lei N. 246, de novembro de 1897, “autoriza o dispêndio de 5:000,00 r. para recepção da 26<sup>o</sup>. Batalhão de Infantaria que retorna de Canudos”. COMPILAÇÕES DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DO ESTADO DE SERGIPE (1897-1898) vol. IV. Aracaju: Typ. Estado de Sergipe, 1900, p. 29.

de intersecção é a ordem estabelecida, endossando a previsão de Thomas Carlyle, sobre sua origem: “todo herói é filho da ordem e representa a nação”.<sup>90</sup> Podemos sugerir, como Miceli, que o herói é o “símbolo de outro símbolo”<sup>91</sup>, já que a nação simboliza o sentimento patriótico de um povo de um território marcado por uma cultura comum. Assim o herói surgirá na defesa do bem coletivo; num contexto de ameaça a paz, de crise, como propiciou a Guerra de Canudos. Essa guerra representou “a maior crise da nacionalidade” no alvorecer do novo regime.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Euclides da Cunha, Siqueira de Menezes era engenheiro, militar, jornalista e florianista. Os dois chegaram a Canudos no anseio de testemunhar o triunfo do exército republicano. No entanto, a estada no campo de guerra operou uma mudança no autor de *Os Sertões*, o livro consumaria o fato. Desiludira-se Euclides com a ação militar, com o regime civilizado que defendia; seu ressentimento atingiu os ícones da República: Marechal Deodoro, Floriano Peixoto e mesmo Benjamim Constant. Porém, sua amizade com Siqueira de Menezes perduraria, inclusive com reencontro na Amazônia, em 1905.<sup>92</sup> Esse epílogo carece de pesquisa.

A performance de Siqueira de Menezes como propagador do ideal republicano e, principalmente, estrategista habilidoso e militar corajoso na Guerra de Canudos facultou-lhe a imagem de herói. Esse rótulo inflamado nas homenagens e eternizado nas palavras emocionadas de Euclides da Cunha aumentaria com o passar dos anos. Não esqueçamos o ritmo da sua graduação: entre 1897 e 1900, o sergipano foi promovido, por merecimento, ao posto de Coronel (19/5/1898); no ano seguinte foi nomeado chefe da 3ª. Seção de Repartição de Estado Maior, logo assumindo comando do 3º. Distrito Militar.<sup>93</sup>

<sup>90</sup> FELJÓ, Martin Cezar. *O que é o herói*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 34.

<sup>91</sup> MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 5ª ed, São Paulo: Contexto, 1994, p. 10.

<sup>92</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. Op. cit., 1997, p. 125-126.

<sup>93</sup> GUARANÁ, Armindo. Op. cit., 1925, p. 185.

Nessas considerações finais destacamos que a gênese da heroificação não se acha n'Os Sertões, obra publicada em 1902, mas na imprensa baiana do segundo semestre de 1897. Desatacamos também que a mitificação seria convenientemente trabalhada a favor da sua carreira política em Sergipe<sup>94</sup>, tendo Siqueira de Menezes ocupado os cargos de Governador (1911-1913) e Senador (1914-1925).

### FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cícero Antônio F. Memória e representação: as imagens da Guerra de Canudos pelo fotógrafo expedicionário Flávio de Barros. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, 159 (398), jan/mar., 1998.

AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e a primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1956.

ANDRADE, Olimpio de Souza. *História e interpretação de Os Sertões*. São Paulo: Edart, 1960, p. 284.

ARARIPE, Tristão de Alencar. *Expedições militares contra Canudos: seu aspecto marcial*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1985.

ARAÚJO, Acrísio Torres. *A imprensa em Sergipe*. Brasília, S/Ed., 1993.

BARRETO, Dantas. *Última Expedição a Canudos*. Porto Alegre: Franco Irmãos Ed., 1898.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

<sup>94</sup> A morte de Olimpio Campos e Fausto Cardoso em 1906 desestabilizou a política sergipana. A Tragédia de Sergipe, como ficou conhecida, marcou o retorno de Siqueira de Menezes aos pleitos eleitorais de sua terra natal. Ver: SILVA FILHO, José Thiago da. Siqueira de Menezes: festa e civismo. *Anais eletrônicos do Seminário Nacional dos 10 anos do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste*. São Cristóvão (UFS), 2007, p. 15. *Caderno de Resumos do IV Encontro de Pós-Graduação da UFS*. São Cristóvão, 9 a 11/09/2008, p. 575.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 14.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822/1930*. São Paulo: Ed. Record, 1999.

COMPILAÇÕES DE LEIS, DECRETOS E REGULAMENTOS DO ESTADO DE SERGIPE (1897-1898). Vol. IV, Aracaju: Typ. do Estado de Sergipe, 1900, p. 29.

COUTINHO, Afrânio (org). *Euclides da Cunha: obra completa*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1966, vol. II.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* [Edição Crítica de Walnice Nogueira Galvão]. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª. ed. Rio e Janeiro: Rocco, 1997.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O que é o herói*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fonteira, 1999, p. 1592.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. 4ª. São Paulo: Ática, 1977.

\_\_\_\_\_. O correspondente de guerra Euclides da Cunha. In: \_\_\_\_\_. *Saco de Gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades, Sec. Cultura de São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. Um desgarrão da engenharia rude. *Jornal da Cidade*. Aracaju, 1/12/2002. (Caderno Mais!), p. 7.

GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

\_\_\_\_\_. *Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1882 a 1908*.

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo especial, volume 1, parte 2, p. 776-813.

HOICHE. Sergipe. *O Republicano*. Aracaju, N. 223, 30/8/1890, p. 1.

JANNOTTI, Maria de Lourdes Mônico. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEITE NETO, Leonardo (coord.). *Catálogo de senadores – 1826/1986*. Brasília: Centro Gráfico, 1986, vol. III.

MELLO, Dante de. *A verdade sobre Os Sertões: análise reivindicatória da campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958.

MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 5ª ed, São Paulo: Contexto, 1994.

MOURA, Aureliano Pinto de. As duas últimas expedições a Canudos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1998, p. 185-192.

QUEIRÓZ, Suely Robbles de. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986;

*RELATÓRIO APRESENTADO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL PELO GENERAL DE DIVISÃO JOÃO THOMAZ CANTUÁRIA, MINISTRO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, EM MAIO 1898*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1898, p. 114-122.

ROUANET, Sergio Paulo. O sertão da dialética negativa. *Jornal da Cidade*. Aracaju, 1/12/2002, p. 6. [Separata Caderno Mais! Folha de São Paulo]

SANCHES, Marcos Guimarães. Ação e Repercussão de Canudos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 159 (398), jan./mar., 1998, p. 229-242.

SENNA, Homero. *Gilberto Amado e o Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

SILVA, José Calasans Brandão da. Algumas Fontes de 'Os Sertões'. *Revista de Cultura da Bahia*. Salvador, n. 6, jul/dez, 1972.

\_\_\_\_. Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes (1957). In: \_\_\_\_\_. *Cartografia de Canudos*. Aracaju: Sec. de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/EGBa, 1997.

SILVA FILHO, José Thiago da. Siqueira de Menezes: festa e civismo. *Anais eletrônicos do Seminário Nacional dos 10 anos do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste*. São Cristóvão (UFS), 2007.

\_\_\_\_. Siqueira de Menezes: como o herói virou político. *Caderno de Resumos do IV Encontro de Pós-Graduação da UFS*. São Cristóvão, 9 a 11/09/2008.

VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995.

VILLELA JUNIOR, Marcos Evangelista da Costa. *Canudos: memórias de um combatente*. São Paulo: Ed. Marco Zero; Brasília: INL, 1988.

Artigo recebido em maio de 2011. Aprovado em julho de 2011.